

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 20

AIL Associação Internacional
de Lusitanistas
A associação internacional de estudos lusófonos

SANTIAGO DE COMPOSTELA
2013

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como copatrocinia eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu património é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceites pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembleia Geral.

Conselho Diretivo

Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela
eliasjose.torres@usc.es

1.º Vice-Presidente: Cristina Robalo Cordeiro, Univ. de Coimbra
cristinacordeiro@hotmail.com

2.º Vice-Presidente: Regina Zilberman, UFRGS
regina.zilberman@gmail.com

Secretário-Geral: Roberto López-Iglésias Samartim, Univ. da Corunha,
rlopez-iglesias@udc.es

Vogais: Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. de Roma «La Sapienza»); Helena Rebelo (Univ. da Madeira); Laura Cavalcante Padilha (Univ. Fed. Fluminense); Manuel Brito Semedo (Univ. de Cabo Verde); Onésimo Teotónio de Almeida (Univ. Brown); Pál Ferenc (Univ. ELTE de Budapeste); Petar Petrov (Univ. Algarve); Raquel Bello Vázquez (Univ. Santiago de Compostela); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro); Thomas Earle (Univ. Oxford).

Conselho Fiscal

Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Isabel Pires de Lima (Univ. Porto); Roberto Vecchi (Univ. Bolonha).

Associe-se pela *homepage* da AIL: www.lusitanistasail.org
Informações pelo *e-mail*: secretaria@lusitanistasail.net

Veredas

Revista de publicação semestral

Volume 20 – dezembro 2013

Diretor:

Elias J. Torres Feijó

Editora:

Raquel Bello Vázquez

Conselho Redatorial:

Andrés José Pociña Lopez, Universidade de Extremadura, Espanha.

Anna Maria Kalewska, Universidade de Varsóvia, Polónia.

Axel Schönberger, Universität Leipzig, Alemanha.

Carmen Villarino Pardo, Universidade de Santiago de Compostela, Galiza.

Clara Rowland, Universidade de Lisboa, Portugal

Helder Macedo, King's College de Londres, Reino Unido

Maria Luísa Malato Borralho, Universidade do Porto, Portugal.

Sebastião Tavares Pinho, Universidade de Coimbra, Portugal.

Sérgio Nazar David, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Ulisses Infante, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Vera Lucia de Oliveira, Università degli Studi di Perugia, Itália

Por inerência:

Benjamin Abdala Junior, Universidade de São Paulo, Brasil.

Cristina Robalo Cordeiro, Universidade de Coimbra, Portugal.

Ettore Finazzi-Agrò, Universidade de Roma «La Sapienza», Itália.

Helena Rebelo, Universidade da Madeira, Portugal.

Laura Cavalcante Padilha, Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Manuel Brito Semedo, Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde.

Onésimo Teotónio de Almeida, Brown University, EUA.

Pál Ferenc, Universidade ELTE, Hungria.

Petar Petrov, Universidade do Algarve, Portugal.

Regina Zilberman, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Brasil

Roberto López-Iglésias Samartim, Universidade da Corunha, Galiza.

Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Thomas Earle, Universidade de Oxford, Reino Unido.

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereços eletrônicos: veredas@lusitanistasail.net; revista.veredas@gmail.com

Desenho da Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

Impressão e acabamento: Campus na nube, Santiago de Compostela, Galiza

ISSN 0874-5102

SUMÁRIO

Nota introdutória	7
AFONSO XAVIER CANOSA RODRÍGUEZ Notas biográficas e estudo das referências documentais de Fernão Mendes Pinto.....	9
CÂNDIDO OLIVEIRA MARTINS Miguel Real e as narrativas históricas do ciclo brasileiro: as ficções do Império e as imagens do Brasil colonial	35
EMANUEL GUERREIRO Uma perspectiva bucólica da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen.....	55
GUIA BONI Traduzir a <i>Peregrinação</i> de Fernão Mendes Pinto: Questões de Método	73
JOSELY TEIXEIRA CARLOS No que tange a trigos e sentidos: uma análise da canção «Pão doce» à luz da Semiótica Francesa	89
REGINA DALCASTAGNÈ LAETICIA JENSEN EBLE Dobrando a esquina: deslocamentos urbanos em Samuel Rawet e Ferréz	115
MARCELA VERÔNICA DA SILVA O fundamento histórico ao poema <i>Vila Rica</i> de Cláudio Manuel da Costa e o propósito da história da América portuguesa.....	129
THIERRY PROENÇA DOS SANTOS Maria Francisca Teresa: três livros para crianças, três instrumentos pedagógicos e doutrinários	155

Nota introdutória

Com a chegada ao seu número 20, a revista *Veredas* quer fazer um balanço das mudanças produzidas nos últimos anos, e agradecer o trabalho de todas as pessoas que têm colaborado com ela.

Desde 2008 (número 12) *Veredas* adotou o sistema de avaliação por pares cegos, para se homologar à revistas internacionais de referência no âmbito da investigação. Para isto, foi preciso o trabalho generoso das pessoas que integram, integraram e se foram incorporando ao Conselho Redatorial da revista. O nosso corpo editorial realiza um trabalho constante de revisão de textos que tenta não apenas responder razoavelmente rápido às autoras e aos autores, mas também emitir pareceres que contribuam de forma colaborativa para a melhora dos textos das pessoas que nos confiam as suas pesquisas. É política da *Veredas* contar sempre com pareceres o mais especializados e informados possível, e é por isso que recorremos também a especialistas sem vínculo com o Conselho Redatorial para conseguir não apenas resultados positivos ou negativos sobre a publicação de um determinado texto, mas documentos que tenham algum valor para as pessoas que submetem os seus trabalhos.

Incluimos, a partir deste número, a data de receção e de aceitação de cada artigo, com o propósito de aumentarmos a transparência do processo de edição, servir de referência para futuras submissões de trabalhos, e também como baliza que a *Veredas* se propõe superar nos próximos anos, encurtando, na medida do possível, os prazos. Igualmente, é publicado o número de artigos submetidos, avaliações realizadas, e taxa de aceitação na ficha técnica incluída no final deste número

Raquel Bello Vázquez

Editora da Revista *Veredas*

Traduzir a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto: Questões de Método

GUIA BONI

Università di Napoli «L'Orientale»
(Itália)

RESUMO:

Traduzir hoje a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto leva o tradutor a uma escolha metodológica. A adopção de critérios passa através da análise das traduções mais recentes e da imensa bibliografia relativa a esta obra. Como enfrentar um clássico? E sobretudo como enfrentar um texto que foi principalmente estudado pelas informações nele contidas e não pela forma? Com estes objectivos proponho-me encontrar um rumo que possa dar ao leitor italiano não só as informações mas também o gosto da leitura de um autor que com o processo retórico da *captatio benevolentiae* –condensado na declaração de «rude e tosca escritura»– tenta apagar um estilo eficaz e persuasivo e amiúde de denúncia.

PALAVRAS-CHAVE: Fernão Mendes Pinto; *Peregrinação*; Tradução; Literatura Portuguesa Século XVI; Literatura de Viagem

ABSTRACT:

Today, to translate Fernão Mendes Pinto's *Peregrinação*, would lead a translator to a rather methodological choice. Adopting certain criteria tends to pass over the analysis of more recent translations and an immense literature devoted to this work of art. How should we take on the challenge of this classic? And above all, how should we handle

a text that has been mostly studied for its information instead of its form? With these objectives in mind, I would propose a course of action that can give the Italian reader not only information but also the flavor of literature from an author who uses a rhetorical method of *captatio benevolentiae* –which has been condensed in the beginning statement of “rude e tosca scrittura”- that tends to hide an effective and persuasive style, a style that is often repudiated.

KEYWORDS: Fernão Mendes Pinto; Pilgrimage; Translation; Portuguese Literature; 16th Century; Travel Literature

Data de recepção: 26/03/2013

Data de aceitação: 11/07/2013

I classici sono quei libri che esercitano un'influenza particolare sia quando s'impongono come indimenticabili, sia quando si nascondono nelle pieghe della memoria mimetizzandosi da inconscio collettivo o intellettuale.

Italo Calvino, *Perché leggere i classici*, 1995

A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto representa na memória coletiva, não só portuguesa, um documento e um monumento. Escrevia Jacques Le Goff (1978: 38):

o que sobrevive não é o conjunto do que existiu no passado, mas uma escolha realizada seja pelas forças que agem na evolução temporal do mundo e da humanidade, seja pelos que se debruçam sobre o estudo do passado e dos tempos passados, os historiadores. Tais materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador.

A obra de Fernão Mendes Pinto faz as vezes de um documento –do latim *docere*, ‘ensinar’ –que na sua evolução assumiu, no século XIX, o sentido moderno de ‘testemunho histórico’ e de monumento, do latim *monere*, ‘fazer lembrar’, mas também ‘avisar’, ‘alumiar’, ‘instruir’ (Le

Goff, 1978: 38). São estas duas características a ter levado a inclusão do texto de Fernão Mendes Pinto na memória coletiva da humanidade. E é fácil averiguá-lo graças às inúmeras traduções que foram feitas desde a primeira de 1620 até hoje.¹

E nesta relação entre tradição e modernidade, em que o texto muda de horizonte não só geográfico, parece estranho que a Itália, que sempre desempenhara um papel fundamental na difusão dos descobrimentos (Montalbodo com os seus *Paesi novamente ritrovati*, 1507, depois traduzidos para latim com o título emblemático: *Itinerarium Portugallensium*;² Ramusio com os três volumes *Navigazioni et Viaggi*, entre 1550 e 1559³ ou a tradução da Ásia de João de Barros⁴)—, até 1970 parece não ter prestado, a não ser os especialistas, nenhuma atenção a esta obra. Só naquele ano, a professora Erilde Melillo Reali levou a termo a primeira tradução parcial da obra de Fernão Mendes Pinto.⁵ Uma escolha antológica, composta por 60 capítulos dos 226 originais, que se debruçava essencialmente sobre as aventuras do corsário António de Faria, considerado o *alter ego* de Mendes Pinto. Tentativa esta que foi provavelmente feita para preparar e estimular o público italiano a uma edição integral que, infelizmente, nunca veio à luz.

-
- 1 Limito-me a citar as línguas em que a obra foi traduzida mais de frequente. Espanhol: 1620, 1627, 1628, 1645, 1664 e 1666; 1982. Francês: 1628, 1645, 1663; 1738, 1770; 1830, 1847, 1851, 1857, 1859, 1859, 1860; 1991. Inglês: 1653 (parcial), 1663, 1692; 1989. Holandês: 1652, 1653; 1784, 1787-9. Alemão: 1652, 1671; 1747, 1752 e 1774; 1809, 1868, 1874; 1926.
 - 2 *Paesi nuovamente ritrovati et Nouo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitolato* (Biblioteca Bertoliana di Vicenza, *Gonzati* 20.7.26) com a tradução latina *Itinerariu[m] Portugalle[n]siu[m] e Lusitania in India[m] [et] in de in occidentem [et] demum ad aquilonem*. [Milan: Johannes Angelus Scinzenzeler], M.D.VIII [1508].
 - 3 Giovanni Battista Ramusio, *Delle nauigationi et viaggi raccolte da m. Gio. Battista Ramusio, in tre volumi diuise...*, In Venetia: appresso i Giunti. A edição moderna: Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni e viaggi*, a cura di Marica Milanese, 6 vols, Torino, Einaudi, 1978-1988; última edição 2010-2011.
 - 4 *L'Asia del s. Giouanni di Barros, consigliere del christianissimo Re di Portogallo: de' fatti de' Portoghesi nello scoprimento, & conquista de' mari & terre di Oriente. ... Nuouamente di lingua portoghese tradotta*. Dal s. Alfonso Vllloa, In Venetia: appresso Vincenzo Valgrisio, 1562.
 - 5 *Peregrinazione 1537-1558* di Fernão Mendes Pinto, a cura di Giuseppe Carlo Rossi, traduzione di Erilde Melillo Reali, sette tavole fuori testo, ventidue illustrazioni, Milano, Longanesi, 1970.

O duplo papel de monumento/documento que o texto foi desempenhando durante os séculos fez com que a tradução fosse, desde o princípio, enfrentada com circunspeção. Até hoje a maioria das traduções da *Peregrinação* concentrou-se em resolver os inúmeros problemas geográficos, históricos, linguísticos, etnográficos levantados pelo texto de Fernão Mendes Pinto, ou seja em dar veridicidade à obra. Tradição começada com o primeiro tradutor espanhol, Herrera Maldonado, que tentou na sua *Apología* defender a veridicidade da *Peregrinação*, confrontando-a com autores coevos italianos, portugueses e espanhóis.⁶ A obsessão da credibilidade –que continuou nos séculos– embaciou, todavia, as qualidades literárias da obra. Não sendo um profissional das letras, o estilo de Fernão Mendes Pinto foi amiúde considerado como desleixado, aproximado. O que contava era a informação da *Peregrinação* e não a forma. É claro que hoje ver aquelas frases muito longas, com uma pontuação bailarina, produz desconcerto no leitor e sobretudo no tradutor que tem que lidar com uma sintaxe que parece ditada por uma espécie de *horror vacui*. Mas, contudo, naquela aparente confusão, vislumbramos um equilíbrio, uma harmonia, rejeitada até pelo mesmo autor quando no I capítulo define a sua escritura «rude & tosca». Mas não será que essa frase seja apenas o recurso retórico da *captatio benevolentiae* para seduzir o leitor?

Para responder a essa pergunta, escolhi o primeiro capítulo, que representa o prólogo da obra, onde o autor expõe, numa cena introdutória, a razão do seu escrito e a antecipação do conteúdo. E limitar-me-ei à análise das duas frases de exórdio para individuar a *mens* ou seja a identidade do estilo de Fernão Mendes Pinto.

6 «Juan de Barros, 3 decadas, Historia general; Fernan Lopes de Castanheda; D. Jeronimo Osorio; Damião de Gois; Antonio Galvan; Juan Pedro Mafeo de la Compañia de Iesus, Sus cartas de Iapon y China; Las cartas de Iapon y China del Padre Guerriero; Las cartas del Padre Luys Froys; El libro de las cartas de los padres de la Compañia de Iesus [...]; los comentarios de Mateo Ricio», *Historia oriental de las peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto portugues, adonde escriuen muchas, y muy estrañas cosas que vio, y oyò en los Reynos de la China, Tartaria, Sornao, que vulgarmente se llama Siam, ... Traduzido de portugues en castellano por el licenciado Francisco de Herrera Maldonado, canonigo de la santa iglesia real de Arbas. Al excelentissimo señor Don Duarte*, En Madrid: por Diego Flamenco: impressa a costa de Iuan del casar, mercader de libros. Vendese en su casa frontero de San Basilio, y en Palacio, 1627.

Desde o princípio, Mendes Pinto enfatiza o tom por ele adotado, introduzindo do ponto de vista estilístico uma série de palavras –*trabalhos, infortúnios, perigos, pobreza, misérias*...– que mergulham o leitor num clima de aventuras e desventuras, onde as segundas ganham particular relevo. E para ulteriormente sublinhar o aspecto da sorte ingrata, utiliza uma figura retórica da sintaxe: a ditologia, ou seja o emprego de duas palavras de mesma classe morfológica (nomes, adjectivos, verbos...) unidas pela conjunção «e». Nas duas primeiras frases que nos dispomos a analisar, mas também no resto da obra, este é a marca de Fernão Mendes Pinto, o seu *usus scribendi*. Aqui a figura da ditologia desempenha vários papéis. Às vezes tem valor sinonímico: «trabalhos e infortúnios»; outras valor ascendente como num clímax: «tenção e empresas» ou descendente, «misérias e pobreza».

Eis o texto: assinalo em negro as ditologias presentes e sublinho aquelas em que nos vamos deter.

Capítulo I

Do que passei em minha mocidade neste reino até que me embarquei para Índia

Quando às vezes ponho diante dos olhos os muitos & grandes **trabalhos & infortúnios** que por mim passaram, começados no princípio da minha primeira idade, & continuados pela maior parte, e melhor tempo da minha vida, acho que com muita razão me posso queixar da ventura que parece que tomou particular **tenção & empresa** sua **perseguir-me, & maltratar-me**, como se isto lhe houvera de ser matéria **de grande nome, & de grande glória**, porque vejo que não contente de me pôr na minha pátria logo no começo da minha mocidade, em tal estado que nela vivi sempre **em misérias, & em pobreza**, & não sem alguns **sobressaltos & perigos** da vida me quis também levar às partes da Índia, onde em lugar de remédio que eu ia buscar a elas, me foram crescendo com a idade os **trabalhos, & os perigos**. Mas por outra parte quando vejo que do meio de todos estes **perigos & trabalhos** me quis Deus tirar sempre **em salvo, & pôr-me em seguro**, acho que não tenho tanta razão de me queixar por todos os males passados, quanta de lhe dar graças por este só bem presente, pois me quis conservar a vida, para que eu pudesse fazer esta **rude & tosca** escritura, que por herança deixo a meus filhos

(porque só para eles é minha tenção escrevê-la) para que eles vejam nela estes meus **trabalhos, & perigos** da vida que passei no discurso de vinte e um anos em que fui treze vezes cativo, & dezassete vendido, nas partes da Índia, Etiópia, Arábia feliz, China, Tartária, Macassar, Sumatra, & outras muitas províncias daquele oriental arquipélago, dos confins da Ásia, a que escritores Chins, Siames, Gueos, Elequios, nomeam nas suas geografias por pestana do mundo, como ao adiante espero tratar muito particular, e muito difusamente, & daqui por uma parte tomem os homens de se não desanimarem com os **trabalhos** da vida para deixarem de fazer o que devem, porque não há nenhuns, por grandes que sejam, com que não possa a natureza humana, ajudada do favor divino & por outra me ajudem a dar graças ao Senhor omnipotente por usar comigo da sua infinita misericórdia, apesar de todos meus pecados, porque eu **entendo & confesso** que deles me nasceram todos os males que por mim passaram, & dela **as forças, & e o ânimo** para os poder **passar, & escapar** deles com vida.

A união de dois termos, ligados amiúde por um matiz de significado, um deslizamento, dá ao leitor a impressão de uma língua à constante busca de balizar o termo exato para melhor contar uma vida tão aventureira e desgraçada que quase parecem faltar as palavras para a descrever. Ao mesmo tempo, esta língua hesitante, compósita, transitória é o reflexo de uma época abalada, de transição que perdeu as certezas e assumiu a consciência de que tudo –como no livro do *Eclesiastes*– não passa de *vanitas vanitatum*. Eis o imaginário barroco de Fernão Mendes Pinto, de um homem velho e sábio que, tendo compreendido a futilidade de tudo, de volta a Portugal, decide escrever as suas memórias, contar as suas experiências, não para ensinar algo a alguém (o livro aparentemente é dedicado aos filhos, novo recurso a *captatio benevolentiae*, depois contradito pela frase «daqui por uma parte tomem os homens»), mas para deixar um testemunho de uma vida vivida, talvez de um sonho estilhaçado sobre a realidade, de uma busca que durou 21 anos (1537-1558) para enfim chegar à conclusão de que a única coisa que importa é a vida («[Deus] me quis conservar a vida»).

A ditologia portanto é a dominante –a *mens* como diriam os antigos– deste texto, ou seja a marca de identidade.

Mas antes de continuarmos a análise é preciso fazer um esclarecimento a propósito das traduções. Já Cícero, quando levantava o problema, recusando o *verbum pro verbo* a favor de uma tradução oratória (*ut orator*), impelia o tradutor a escolher um método (Cícero, 1995). No século XX, depois de se ter libertado da sujeição à linguística, a *teoria* da tradução ampliou-se a vários sectores das ciências humanas (Meschonnic, 1999), permitindo ao tradutor adquirir –no âmbito de sua atividade criadora– uma poética própria, ou seja a sua visão da tradução, a sua interpretação, o discurso retórico ou literário escolhido e também o seu horizonte de espera para com o público. Levantámos aqui dois problemas. O primeiro, relativo ao movimento da linguagem: «que define a dialéctica de velho e novo, a relação entre obra e história que se modifica em cada obra, em cada tradução» (Apel, 1997: 14). Um texto original elaborado para um leitor ideal, um público de referência, muda nos anos porque se transforma a interpretação do público e, paralelamente, as traduções que –ultrapassando os confins da língua de partida– abatem as fronteiras, introduzindo o texto na cultura geral, na literatura universal (Jauss, 1990). E eis que o problema da recepção numa cultura diferente da imaginada pelo autor, torna-se uma questão fundamental. Como fazer aceitar a leitores diferentes por cultura, história, língua e sobretudo por época um texto considerado clássico? Quais estratégias adoptar? Como fazer passar a poética do autor? Como escreveu Jean-René Ladmiral (2004) a estética da tradução é uma estética da recepção. Neste sentido vamos analisar as três traduções escolhidas que têm como comum denominador: a contemporaneidade (1970, 1989 e 1991)⁷ e, portanto, um olhar que nós podemos partilhar. Não se trata simplesmente de individuar *erros*, mas de refletir sobre a poética destes tradutores que enfrentaram a obra de Fernão Mendes Pinto com olhar crítico e tendo como horizonte o público a quem foram destinadas. «Se o tradutor tem um olhar inevitavelmente crítico da obra que traduz, constrói nessa sua consciência o critério para traduzir, sem aplicar regras tiradas da teoria.

7 Lamento não ter encontrado a tradução espanhola mais recente: *Fernão Mendes Pinto, Las peregrinaciones*, por José Agustín Mahieu, Madrid, Alfaguara, 1982.

É nesse sentido que me parece possível admitir a existência de uma poética do tradutor e ver na tradução literária a relação entre duas poéticas» (Mattioli, 1999: 46.).

Mas voltemos a Mendes Pinto e comecemos por ver como este processo estilístico foi realizado nas traduções. Para evitar uma exposição caótica, limitar-me-ei à palavra mais frequente, a palavra-chave *–trabalhos–*, acompanhada pelas suas variações sinonímicas.

«Trabalhos» tem aqui o sentido de esforço fora do comum, luta, lida. O autor começa por uma constatação relativa à sua vida «trabalhos & infortúnios que por mim passaram», mas que tem valor universal, que se pode resumir no lugar comum «a vida é uma luta contra as adversidades». Depois, ao lado dos «trabalhos» –sempre em primeira posição–, encontramos «perigos», os perigos que ele enfrentou na Ásia e que resume rapidamente depois, utilizando a mesma figura de estilo: «estes meus trabalhos & perigos da vida que passei do discurso de 21 anos em que fui 13 vezes cativo e 17 vendido». Voltemos rapidamente atrás para os «perigos & trabalhos». Já estamos na segunda frase, introduzida pela adversativa «Mas por outra parte», quando o Autor repara, durante a sua reflexão, que Deus, apesar de tudo, lhe deu a vida salva, oferecendo-lhe também a oportunidade de escrever as suas memórias: «os perigos & os trabalhos» amenizam-se através da inversão dos termos, com os perigos que antecipam os trabalhos. Neste breve *excursus* reparamos que a palavra chave «trabalhos», declinada com «infortúnios» e «perigos», enriquece-se de matizes diferentes, provocando no leitor tensão e curiosidade.

Vejamos as traduções em ordem cronológica, portanto italiana (Reali, 1970), inglesa (Catz, 1989) e francesa (Viale, 1991). Assinalei em negro «trabalhos» e em itálico e negro «perigos» (com as relativas traduções) para ter a imediatez da correspondência entre as várias línguas

Fernão Mendes Pinto, 1614	Erilde Melillo Reali, 1970	Rebecca Catz, 1989	Robert Viale, 1991
os muitos & grandes trabalhos & infortúnios	molte e gravi fatiche e sventure	all the hardship and misfortune	nombreuses épreuves et les très grands malheurs
me foram crescendo com a idade os trabalhos , & os <i>perigos</i>	mi crebbero con l'età le tribolazioni e i <i>pericoli</i>	the hardship and <i>hazards</i> only increased with the passing years	ne cessèrent de croître avec le temps les épreuves et les <i>dangers</i>
do meio de todos estes <i>perigos</i> & trabalhos	da tutti questi <i>pericoli</i> e fatiche	all those <i>hazards</i> and hardships	du milieu de tous ces <i>dangers</i> et épreuves
estes meus trabalhos , & <i>perigos</i> da vida	le fatiche e le <i>vicissitudini</i> che sopportai	difficulty and <i>danger</i>	mes épreuves et les <i>dangers</i> de la vie
de se não desanimarem com os trabalhos da vida	per non perdersi d'animo nelle vicende della vita	let the misfortunes of life discourage	De ne pas négliger de faire ce qu'ils doivent face aux épreuves

Mais detalhadamente:

Fernão Mendes Pinto, 1614	Robert Viale, 1991
1 os muitos & grandes trabalhos & infortúnios	nombreuses épreuves et les très grands malheurs
2 me foram crescendo com a idade os trabalhos , & os <i>perigos</i>	ne cessèrent de croître avec le temps les épreuves et les <i>dangers</i>
3 do meio de todos estes <i>perigos</i> & trabalhos	du milieu de tous ces <i>dangers</i> et épreuves
4 estes meus trabalhos , & <i>perigos</i> da vida	mes épreuves et les <i>dangers</i> de la vie
5 de se não desanimarem com os trabalhos da vida	de ne pas négliger de faire ce qu'ils doivent face aux épreuves

A única a respeitar o jogo literário adotado por Fernão Mendes Pinto é a última, a tradução francesa. Também a escolha de «épreuve»

–sofrimento, pena, perigo que põe à prova a coragem– para traduzir «trabalho» condensa os matizes de significado do original. Da mesma maneira, «perigos» é sempre traduzido com «dangers».

	Fernão Mendes Pinto, 1614	Rebecca Catz, 1989
1	os muitos & grandes trabalhos & infortúnios	all the hardship and misfortune
2	me foram crescendo com a idade os trabalhos , & os <i>perigos</i>	the hardship and <i>hazards</i> only increased with the passing years
3	do meio de todos estes <i>perigos</i> & trabalhos	all those <i>hazards</i> and hardships
4	estes meus trabalhos , & <i>perigos</i> da vida	difficulty and <i>danger</i>
5	de se não desanimarem com os trabalhos da vida	let the misfortunes of life discourage

Rebecca Catz, uma das máximas estudiosas de Mendes Pinto, escolheu –como por ela assinalado na sua edição– uma tradução livre, compensada por notas críticas e glossários de valor inestimável. «Hardship» (1, 2, 3) –privação, sofrimento– cobre parcialmente o valor semântico de «trabalhos». Eis a razão porque depois escolhe o mais genérico «difficulty» e enfim «misfortunes»: falta de sorte. Os desaires ou reverses da sorte sublinhados por Mendes Pinto também com a alternância de posição na frase de «trabalhos» ficam em parte perdidos porque Rebecca Catz retoma o mesmo termo para traduzir na primeira frase «infortúnios» e na quinta «trabalhos», ou seja «misfortune/misfortunes». Todo o jogo de Mendes Pinto que gira à volta da variação sinonímica, articulada sobre o eixo «trabalho», fica assim enfraquecido.

	Fernão Mendes Pinto, 1614	Erilde Melillo Reali, 1970
1	os muitos & grandes trabalhos & infortúnios	molte e gravi fatiche e sventure
2	me foram crescendo com a idade os trabalhos , & os <i>perigos</i>	mi crebbero con l'età le tribolazioni e i <i>pericoli</i>
3	do meio de todos estes <i>perigos</i> & trabalhos	da tutti questi <i>pericoli</i> e fatiche
4	estes meus trabalhos , & <i>perigos</i> da vida	le fatiche e le <i>vicissitudini</i> che sopportai
5	de se não desanimarem com os trabalhos da vida	per non perdersi d'animo nelle vicende della vita

E afinal chegamos à tradução mais antiga e a única, mesmo se parcial, italiana que se afigura como a mais *infiel*. Nas frases 1, 3 e 4 «trabalhos» é traduzido com «fatiche», ou seja esforço físico e intelectual, mas que no plural, como aparece no texto, tem também o significado de «dificuldade, pena», hoje, mas também nos anos setenta, bastante obsoleto. O termo «fatiche», neste contexto, faz imediatamente pensar um leitor italiano na locução «Fatiche di Ercole, di Sisifo», ou seja nos «Doze trabalhos de Hércules», ou nos «Onze trabalhos de Sísifo» onde encontramos a convergência mitológica e semântica entre os «trabalhos» portugueses e «le fatiche» italianas. Mas desta maneira, a tradutora infunde um halo mitológico, de narração fantástica, a um texto onde o Autor, pelo contrário, pretende contar a sua história verdadeira. Desta forma podemos afirmar que ela encaminha desde o princípio o leitor italiano para uma interpretação mais ligada à fantasia do que à realidade. E não é casual que nas frases 2 e 5, a tradutora seja obrigada a mudar de termos. Na segunda frase adopta «tribolazioni», «atribulações», ou seja adversidades, apuros, aflições (que na minha opinião é o termo mais apropriado, lembrando também do ponto do significante «trabalhos») porque «le fatiche», no sentido mitológico, não podem aumentar com o passar dos anos. E na última, quando Fernão Mendes Pinto convida os homens a não desanimarem com os trabalhos da vida, a tradutora muda «fatiche» com o termo bem mais leve «vicende», ou seja, acontecimentos.

Este último exemplo introduz-nos noutra questão, uma questão de ordem semântica, ligada à contraposição verdadeiro/falso que desde o princípio afligiu a obra de Mendes Pinto. Ficando sempre no âmbito do primeiro capítulo, quero deter-me sobre a importância dos olhos e da vista para um autor que, como anunciado no título, se propõe dar conta «de muitas e muitas estranhas coisas que viu e ouviu». Aqui temos a contraposição que praticamente deu origem ao conceito de história, como a entendemos a partir de Heródoto, com a antinomia entre quem viaja, vê, escuta e selecciona as informações mais fidedignas e os que se limitam a transcrever.

No primeiro capítulo, que faz as funções de prólogo, Mendes Pinto ainda não entra no âmbito das suas aventuras asiáticas, mas a decisão de começar o livro com: «Quando às vezes ponho diante dos olhos»

tem uma dupla sugestão. Por um lado, é uma imagem evocativa: o homem idoso que lembra o seu passado e a vida passa-lhe, como num *flash-back*, diante dos olhos. Olhos que são contemporaneamente órgão da vista, da lembrança e do raciocínio («vejo»). Por outro lado, os olhos são a maior testemunha que ele pode entregar aos vindouros como explicitado no título: «viu e ouviu», onde a posição da vista é predominante.

Eis o original com as traduções, onde assinalei em negro «olhos» e «vejo» e as relativas traduções.

<i>Peregrinação</i> , 1614	Erilde Melillo Reali, 1970	Rebecca Catz, 1989	Robert Viale, 1991
Quando às vezes ponho diante dos olhos os muitos & grandes trabalhos & infortúnios que por mim passaram, [...] porque vejo que não contente de me pôr na minha pátria logo no começo da minha mocidade [...]. Mas por outra parte quando vejo que do meio de todos estes perigos & trabalhos me quis Deus tirar sempre em salvo [...]	Mi vien fatto di pensare alle molte e gravi fatiche e sventure che ho sopportato dall'inizio della fanciullezza [...] Non le bastò, nei miei primi anni, di farmi vivere sempre miseramente in patria [...]. D'altra parte, quando rifletto che da tutti questi pericoli e fatiche Iddio volle sempre pormi in salvo [...]	Whenever I look back at all the hardship and misfortune I suffered throughout most of my life [...] As I grew up in my native land, my life was a constant struggle against poverty and misery [...]. But on the other hand, when I consider that God always watched over me and brought me safely [...]	Lorsque parfois je considère les très nombreuses épreuves et les très grands malheurs qui se sont abattus sur moi [...] Car je vois que, non contente de me mettre dans ma patrie, au tout début de ma jeunesse [...]. Mais lorsque par ailleurs je vois que, du milieu de tous ces dangers et épreuves, Dieu a toujours voulu me tirer sauf [...]

Mais detalhadamente:

<i>Peregrinação, 1614</i>	Robert Viale, 1991
Quando às vezes ponho diante dos olhos os muitos & grandes trabalhos & infortúnios que por mim passaram, [...] porque vejo que não contente de me pôr na minha pátria logo no começo da minha mocidade [...] Mas por outra parte quando vejo que do meio de todos estes perigos & trabalhos me quis Deus tirar sempre em salvo [...]	Lorsque parfois je considère les très nombreuses épreuves et les très grands malheurs qui se sont abattus sur moi [...] Car je vois que, non contente de me mettre dans ma patrie, au tout début de ma jeunesse [...] Mais lorsque par ailleurs je vois que, du milieu de tous ces dangers et épreuves, Dieu a toujours voulu me tirer sauf [...]

A tradução francesa continua sendo a mais fiel. Mas é uma pena que perca a primeira expressão que é a mais importante, ou seja a referência a «olhos», não só no sentido de vista, mas também de memória que representam os dois alicerces da obra autobiográfica e histórica.

<i>Peregrinação, 1614</i>	Rebecca Catz, 1989
Quando às vezes ponho diante dos olhos os muitos & grandes trabalhos & infortúnios que por mim passaram, [...] porque vejo que não contente de me pôr na minha pátria logo no começo da minha mocidade [...] Mas por outra parte quando vejo que do meio de todos estes perigos & trabalhos me quis Deus tirar sempre em salvo [...]	Whenever I look back at all the hardship and misfortune I suffered throughout most of my life [...] As I grew up in my native land, my life was a constant struggle against poverty and misery [...] But on the other hand, when I consider that God always watched over me and brought me safely [...]

Rebecca Catz decide alterar o princípio colocando «look back» –ou seja antecipando o verbo, mas perdendo a referência a olhos– e eliminando na sequência os dois «vejo». O primeiro dos dois é omitido, enquanto o segundo é substituído pelo verbo «I consider» ou seja ‘considero’ que é uma explicitação desnecessária.

<i>Peregrinação, 1614</i>	Erilde Melillo Reali, 1970
Quando às vezes ponho diante dos olhos os muitos & grandes trabalhos & infortúnios que por mim passaram, [...] porque vejo que não contente de me pôr na minha pátria logo no começo da minha mocidade [...] Mas por outra parte quando vejo que do meio de todos estes perigos & trabalhos me quis Deus tirar sempre em salvo [...]	Mi vien fatto di pensare alle molte e gravi fatiche e sventure che ho sopportato dall’inizio della fanciullezza [...] Non le bastò, nei miei primi anni, di farmi vivere sempre miseramente in patria [...] D’altra parte, quando rifletto che da tutti questi pericoli e fatiche Iddio volle sempre pormi in salvo [...]

A tradutora italiana toma uma decisão extremamente discutível porque, não só elimina os «olhos» e «ver», mas subverte o texto, desfigurando-o, com a escolha de suprimir a conjunção temporal «Quando», que desempenha a função fática de abrir o contacto com o leitor, colocando-o a par duma reflexão do autor. Na tradução italiana lemos um outro texto. Abuso de liberdade injustificado enquanto não salvaguarda nem a forma nem o conteúdo.

Quais conclusões podemos tirar destes exemplos? E qual é o rumo a escolher para uma tradução hoje? Antes que tudo, estas minhas considerações servem para demonstrar que Fernão Mendes Pinto, apesar de não ser um profissional das letras, tinha vocação para elas. Se assim não fosse, não teria levado a cabo a nova empresa cheia de «trabalhos, perigos e infortúnios» literários que decidiu empreender de volta a Portugal.

Tendo como ponto de partida a consciência da contradição inicial do tradutor, reivindicada pour Henri Meschonnic (1999: 436): «Plus il voudra effacer la distance entre les deux langues, plus il la refoulera. Plus il voudra viser le naturel, plus il sera, et maintiendra, Babel: la différence des langues comme le mal absolu du langage», essa incoerência aparece flagrante em dois dos três breves trechos analisados. A tradução francesa, que fica mais perto do texto –talvez a desvantagem da «naturalidade» da língua de chegada–, oferece ao leitor a possibilidade de apreciar os artificios literários e semânticos adoptados por Fernão Mendes Pinto. Enquanto que as outras duas, sobretudo a italiana, perdem –a favor de uma leitura guiada, facilitada– elementos que são substanciais para o texto e para a autenticidade da obra. Mas sobretudo, a perda atinge o carácter estético. Como dizia Jauss (1990: 3-47), o valor estético de uma obra literária reside na capacidade de rebentar o consolidado horizonte de espera e de levar a uma produtiva «mudança de horizonte».

Em concreto, penso que não é oportuno fazer uma tradução que facilite demasiado a compreensão do texto ao leitor com a relativa perda inevitável dos *documenta* do texto original. «[...] [N]o texto de chegada sempre ficará o que *manet*, fatalmente marcado pelos *documenta* do tex-

to de partida. Se não for assim, não há metamorfose, mas permanência: não há tradução, mas escritura original (Bettini, 2012: 59).

Considerando que o ato da leitura é uma aventura, ou seja o encontro com o desconhecido, é importante pedir a colaboração do leitor, individuando-o com o que Goethe, no seu célebre aforisma, identificou como de segundo tipo: «Há três espécies de leitores, uma que se alegra sem avaliar, a terceira que avalia sem se alegrar e a do meio que avalia alegrando-se e alegra-se avaliando: é esta na realidade a criar de novo uma obra de arte».

REFERÊNCIAS

Corpus

- CATZ, Rebecca D. *The Travels of Mendes Pinto*. Chicago and London. The University of Chicago Press. 1989.
- PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*. Elisa Lopes da COSTA (ed.). Lisboa. Fundação Oriente-INCM, 2010.
- REALI, Eriilde Melillo. *Peregrinazione 1537-1558 di Fernão Mendes Pinto*, a cura di Giuseppe Carlo Rossi. Milano. Longanesi. 1970.
- VIALE, Robert. *Pérégrination*, récit de voyage traduit du portugais et présenté par [...]. Paris. Editions de la Différence. 1991.

Bibliografia

- APEL Friedmar. *Il movimento del linguaggio*. Milano. Marcos y Marcos. 1997.
- BETTINI, Maurizio. *Vertere. Un'antropologia della traduzione nella cultura antica*. Torino. Einaudi. 2012.
- CICERO, Marcus Tullius. *De optimo genere oratorum*. Roma. Herder, 1995.
- JAUSS, Hans Robert. *Estetica e interpretazione letteraria*. Genova. Marietti. 1990.
- LADMIRAL, Jean-René. L'esthétique de la traduction et ses prémisses musicales. G. R. MARCHALL (ed). *La traduction des livrets. Aspects théoriques, historiques et pragmatiques*. Paris. Presse de l'Université Paris-Sorbonne. 2004.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. *Enciclopedia Einaudi*. Torino. vol. V. 1978.
- MATTIOLI, Emilio. Per il ricupero di una tradizione. *Ritmo e traduzione*. Modena. Mucchi. 1999.
- MESCHONNIC, Henri. *Poétique du traduire*. Lagrasse. Verdier, 1999.

